

Inflação e emprego em 83 preocupam Furtado

Das sucursais

O ex-ministro do Planejamento do governo João Goulart, economista Celso Furtado, manifestou-se ontem, em Porto Alegre, preocupado quanto às perspectivas da economia brasileira para 1983, afirmando que, se for mantida a atual política governamental, as dificuldades se agravarão muito, especialmente pelo aumento dos índices de desemprego e manutenção das altas taxas inflacionárias.

Em entrevista coletiva no hotel Plaza São Rafael, o professor paraibano criticou o governo por "estar programando para o próximo ano uma recessão ainda pior que a dos dois últimos anos". Ele lembrou que, com a atual política governamental, "a economia brasileira está estagnada, está a nível zero de crescimento, enquanto a cada ano aumenta o número de pessoas que entram na faixa etária de trabalho. Então, a pergunta que se faz é se é possível manter uma política econômica que não leva em conta as consequências sociais; e justamente num país em que 50% da população está abaixo da linha de pobreza absoluta".

Para Celso Furtado, os índices de desemprego subirão em 1983 devido ao corte nas importações, que se vai refletir nos níveis de investimento. Também, a inflação, segundo ele, não tende a reduzir-se de forma significativa, pela "inadequada política de subsídios, e pela desordem dos investimentos públicos, que ultrapassam em muito a capacidade do País de mobilizar recursos".

Voltando a defender a tese da criação de uma Comissão de Salvação Nacional pluripartidária, após o pleito de 15 de novembro, o ex-ministro afirmou que "a situação do Brasil é tão grave quanto a de um país em estado de guerra, exigindo a formação de um con-

senso nacional para o estabelecimento de metas".

A primeira delas, para Celso Furtado, é a renegociação da dívida externa: "Eu tenho afirmado que a nossa dívida vem sendo renegociada permanentemente pelos ministros, mas de forma desordenada e nos termos que os banqueiros desejam. E é isso que se deve evitar". Celso Furtado disse que o Brasil poderia, simplesmente, suspender o pagamento de sua dívida, para forçar uma negociação, que não é desejada pelos banqueiros. Entretanto, notou, "não se quer que o País chegue à inadimplência, à bancarrota, deseja-se, antes que chegue a um entendimento".

"ELITE INSENSÍVEL"

"A elite dirigente do País — formada pela alta burguesia industrial e financeira e pelos tecnocratas — é insensível, esclerosada e incompetente politicamente para enfrentar os banqueiros e as multinacionais, o que é fundamental para a solução da crise que o Brasil atravessa." A declaração é do general Andrade Serpa, que esteve ontem em Recife para, "pela 28ª vez, tentar conscientizar o povo brasileiro e a elite dirigente de que é necessário defender a Nação ameaçada". Ele fez uma conferência no Clube de Engenharia sobre a dependência tecnológica, denunciando a "entrega das riquezas minerais ao capital estrangeiro".

Para o general, "o Brasil é rico, com imensas potencialidades, plenamente viável e as dificuldades conjunturais não irão impedir que, nos próximos anos, seja uma Nação comparável à América, China e União Soviética". Para isso, entretanto, é preciso que não se diga apenas que a crise é geral e que todo o mundo está passando por dificuldades. "O Brasil — disse — está sofrendo essa crise e entrando em regime de recessão, desemprego e fome, desnecessária e inutilmente".